

O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NO INÍCIO DA CARREIRA: A APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

Maria Márcia Melo de Castro Martins¹ (1); Fernando Martins de Paiva² (2); Maria Marina Dias Cavalcante - orientadora³(3)

(1) Universidade Estadual do Ceará, marcia.melo@uece.br; (2) Universidade Estadual do Ceará, fernando.martins@uece.br; (3) Universidade Estadual do Ceará, maria.marina@uece.br

Resumo

O ingresso na docência universitária é permeado por importantes desafios, sobretudo no campo da formação de professores, dada a especificidade dessa práxis. Não raro, ao ingressar no Ensino Superior os docentes encontram-se despreparados didático-pedagógicamente, o que demanda formação para esse profissional no início de sua carreira. Contudo, os anos iniciais também podem ser bastante fecundos no tocante à aprendizagem da docência nesse nível de ensino. Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo destacar a experiência profissional de professores iniciantes no Ensino Superior, em cursos de licenciatura, sobre suas aprendizagens e desafios no exercício da docência universitária. Caracteriza-se como um relato de experiência formativa dos dois primeiros autores, de cunho narrativo e reflexivo. Ao longo dos últimos quatro anos, exercendo a docência no Ensino Superior, múltiplas e diversas foram as aprendizagens e atividades vivenciadas no espaço da universidade, e para além deste, sobretudo de cunho científico-pedagógico, cultural, político e social. Apresenta as aprendizagens e desafios relacionados às experiências desenvolvidas no âmbito da Capacitação Profissional; Desempenho Acadêmico e Produção Científica, Tecnológica, Técnica e Artístico-Cultural no exercício da docência no Ensino Superior. Buscou tecer algumas reflexões no intuito de trazer à tona as contribuições das mesmas para o desenvolvimento e crescimento profissional dos referidos autores, bem como para sua atuação no exercício da docência universitária. Os desafios e aprendizagens da docência universitária, nos nossos primeiros anos de atuação no ensino superior revelaram aos professores iniciantes o desejo de troca, de diálogo, de repensar a produção de conhecimento, do rigor metodológico, da renúncia aos paradigmas que insistem em supervalorizar a pesquisa em detrimento do ensino, que reafirmam a máxima, já extremamente questionada, de que “quem sabe, sabe ensinar”. É preciso, pois, uma compreensão mais larga e profunda da realidade. Faz-se necessário que nesse exercício, com e junto aos futuros professores, a criatividade, a sensibilidade e, sobretudo, a compreensão da realidade e totalidade social iluminem o caminho, na direção de uma relação outra com o conhecimento, de forma a nos constituirmos mais autônomos e críticos, assumindo as práticas de ensino e de pesquisa como importantes mediadoras e interlocutoras nesse processo “de mais criação e menos reprodução”.

Palavras-chave: Docência Universitária. Professor Iniciante. Licenciatura.

¹ Professora Assistente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - UECE, campus Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UECE). Mestre em Educação (PPGE/UECE) e em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Ceará- UFC.

² Professor Assistente do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Estadual do Ceará - UECE, campus Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI. Doutor em Física pela UFC.

³ Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UECE). Doutora em Educação pela UFC e Pós-doutora em Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

1. Introdução

Este trabalho trata das aprendizagens e dos desafios da docência universitária, particularmente para os profissionais iniciantes na carreira nesse nível de ensino. Foi constituído considerando a experiência profissional dos dois primeiros autores desta escritura como professores da Universidade Estadual do Ceará, em seus primeiros anos como docentes dessa instituição. Caracteriza-se como um relato de experiência formativa, de cunho narrativo e reflexivo.

Ao longo dos últimos quatro anos⁴, exercendo a docência no Ensino Superior, múltiplas e diversas foram as aprendizagens e atividades vivenciadas no espaço da universidade, e para além deste, sobretudo de cunho científico-pedagógico, cultural, político e social. Aqui, apresentaremos as aprendizagens e desafios relacionando às experiências desenvolvidas no âmbito da Capacitação Profissional; Desempenho Acadêmico e Produção Científica, Tecnológica, Técnica e Artístico- Cultural.

Ao longo dessa apresentação, buscaremos tecer algumas reflexões no intuito de trazer à tona as contribuições das mesmas para nosso desenvolvimento e crescimento profissionais, bem como para nossa atuação no exercício da docência universitária.

2. As atividades de Capacitação Profissional

As atividades inseridas na categoria Capacitação Profissional potencializaram, sensivelmente, nosso fazer docente junto aos licenciandos, sobretudo no que se refere à condução dos Estágios Supervisionados e no diálogo com a escola básica, no tocante à formação de futuros professores de Biologia e Física.

Dentre as diversas atividades, destacamos as participações em eventos. Estas agregaram aprendizagens importantes e necessárias ao nosso trabalho, sobretudo no que diz respeito às discussões no campo educacional, destacadamente no que se refere à formação de professores, e às práticas de ensino, bem como os desafios postos aos educadores no século XXI, face ao desenvolvimento científico e tecnológico e às relações que a sociedade tem estabelecido com o conhecimento. Os eventos se constituem como momentos ricos e dinâmicos de troca de saberes e experiências e de divulgação de conhecimentos, produzidos mediante as práticas investigativas desenvolvidas nos distintos espaços de ensino e

⁴ A primeira autora ingressou como docente na UECE em julho de 2013 e o segundo autor em dezembro de 2016.

aprendizagem. Portanto, nos permitiram perceber questões de nossa prática docente que precisavam ser mais intencionalmente problematizadas e analisadas, além de oportunizarem a ampliação de nossos conhecimentos sobre a diversidade cultural existente em diferentes regiões brasileiras, e mesmo fora do país.

Nesse processo de capacitação profissional, destacamos o ensino como centralidade de nosso fazer docente, pois o entendemos na perspectiva de Pimenta e Almeida (2009), como uma atividade que requer conhecimentos específicos, consolidados por meio de uma formação voltada especialmente para esse fim, bem como a utilização constante das abordagens dos conteúdos e das novas maneiras didáticas de ensiná-los. Nesse sentido, temos investido esforços na busca de qualificação profissional, pondo no centro de nossas reflexões, a função social de nossa prática pedagógica, norteadas pela perspectiva de que nossa atuação como professores demanda, além de saber o conteúdo a ser trabalhado, uma concepção dos seres humanos e do mundo, exigindo, como aponta Freire (2011), ações teóricas e identidade com a profissão, o que inclui a existência de um referencial de valores e de concepção de mundo.

Podemos afirmar que, nesses quatro anos, vimos construindo nossa identidade com a docência universitária, uma vez que requer especificidades distintas das que nos exigiam a docência na Educação Básica. Esse tem sido um processo intenso, inquietante e bastante desafiador. Durante o período em questão, no tocante à capacitação profissional, fomos contemplados pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID/UECE, uma iniciativa da Coordenação Institucional, que proporcionou aos Coordenadores de Área, de seus diversos subprojetos a oportunidade de vivenciarem um ciclo de formação/capacitação pedagógica.

Os encontros foram riquíssimos e abordaram uma diversidade de temáticas no âmbito da educação e sua interface com a formação de professores. Dos temas abordados, destacamos os que trataram das tecnologias no meio educacional e dos desafios da inclusão, particularmente porque esses temas têm levantado questões importantes no contexto da escola e da sala de aula, implicando diretamente no trabalho do professor e em suas expectativas em relação ao atendimento de demandas tão urgentes e de natureza tão complexas.

Os encontros conduzidos pela Coordenação Institucional viabilizaram o compartilhamento de experiências e saberes entre os colegas coordenadores de área, suscitando em nós o desejo de constituir um diálogo sistemático com nossos pares,

incluindo colegas de unidades distintas da qual integramos, e ainda nos fizeram perceber a necessidade de uma proposta institucional no tocante à formação contínua dos docentes da UECE, destacadamente a formação pedagógica, na direção da constituição de uma Pedagogia Universitária, uma vez que:

Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade pra encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas [...] É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos. (PIMENTA; ANASTASIOU, 2011, p.14 -15).

Pensamos que essa é uma demanda real e urgente na consolidação de um ensino superior de boa qualidade, uma vez que a docência universitária, assim como em outros níveis de ensino, demanda formação pedagógica dos professores para a condução dos processos de ensino. Assim, entendemos que a Universidade, institucionalmente, precisa atentar para essa questão, assumindo o compromisso de formar, continuamente, seus docentes, o que, certamente, refletirá na qualidade da formação dos futuros profissionais. Talvez, o primeiro passo, nessa direção, seja o de buscar sensibilizar os professores do Ensino Superior para o reconhecimento da necessidade de investirem em seu processo formativo, sobretudo pedagógico, e para além dele.

3. O desempenho acadêmico

Nesse tópico gostaríamos de destacar, primeiramente, as aprendizagens advindas das experiências de cunho administrativo. Pois conduzir processos para além da gestão da sala de aula permitiu ampliarmos nossa compreensão sobre a dinâmica e organicidade da universidade, dos trâmites administrativos e legais inerentes ao seu funcionamento, bem como as relações estabelecidas entre as diversas esferas consultivas/decisórias da Instituição. Aprendizagens que continuamos adquirindo no exercício de nossas atribuições profissionais.

A maior aproximação com a gestão administrativa, suscitou-nos desejo de colaborar com essa esfera do trabalho docente na universidade. Outros aspectos que gostaríamos de destacar dizem respeito: à orientação de monografias e monitorias; participação em grupos de estudo e de pesquisa; Participação no Núcleo de Acompanhamento de Estágio

(NAE/FECLI); do PIBID/subprojeto Biologia e Física, de Projeto de Extensão, e participação em bancas de defesa de TCC e de concurso.

As experiências vivenciadas nessas dimensões do trabalho acadêmico nos apresentaram desafios diversos, além de compreensões mais situadas sobre a necessidade de articulação do Ensino, da Pesquisa e da Extensão na universidade, sobretudo na formação dos licenciandos de Biologia e Física.

Cotidianamente a docência universitária vem nos apontando a necessidade de integrar a pesquisa ao ensino em sala de aula. Nesse sentido, passamos, então, a investir na pesquisa como mediação na produção de novos conhecimentos no decorrer das disciplinas sob nossa responsabilidade, compreendendo a pesquisa como princípio científico e educativo. Como destaca Demo (2011, p. 10): “a pesquisa pode significar condição de consciência crítica e cabe como componente necessário de toda proposta emancipatória”.

Assim, os discentes aceitaram o desafio de problematizar os conteúdos e a estabelecerem um diálogo com práticas investigativas no espaço escolar e universitário. Essas experiências resultaram em diversas produções coletivas com os estudantes e colegas professores, bem como na divulgação dessas produções em eventos acadêmico-científicos.

Particularmente, no tocante ao desenvolvimento dos trabalhos monográficos, entendemos que as pesquisas realizadas precisam retornar aos campos onde foram produzidas, o que poderia, a nosso ver, estabelecer uma relação extensionista da universidade com a escola. Ainda não parece muito clara a integração do ensino, pesquisa e extensão no cotidiano do Ensino Superior e das práticas formativas que se constituem nesse contexto. Sendo, portanto, um desafio que se apresenta no âmbito do trabalho docente.

Outra experiência, bastante enriquecedora, diz respeito à orientação de monitorias, uma oportunidade de refletir e discutir sobre aspectos da docência na universidade e de compartilhar experiências pedagógicas com alunos de licenciatura, entrelaçando saberes e construindo propostas de ensino e de intervenções pedagógicas. Nas monitorias, as atividades de pesquisa também foram integradas, baseando-nos no entendimento da indissociabilidade ensino-pesquisa. A monitoria também propiciou o desenvolvimento de grupo de estudos, o qual intencionou potencializar a orientação e organização do trabalho pedagógico, um vez que este não se restringe à apresentação de um emaranhado de conteúdos, fazendo-se necessário decidir, intencionalmente, sobre quais conteúdos selecionar e como abordá-los, sobretudo ter clareza quanto às suas finalidades.

Como afirma Lopes (2004, p. 56-57): “o real sentido do planejamento do ensino no

trabalho do professor é a organização da ação pedagógica intencional, de forma responsável e comprometida com a formação dos alunos”. Assim, a moniotria, por meio de grupo de estudo, constituiu uma experiência provocativa à interpretação, discussão e sistematização de leituras sugeridas no campo da Formação de Professores.

O envolvimento com a pesquisa, sistematicamente, tem nos apontado possibilidades de reinventar aspectos de nossa prática pedagógica, sobretudo gerado reflexões sobre o papel desempenhado pela universidade na produção de conhecimento e no sentido e significado social dessa produção.

Seguindo por essas experiências, gostaríamos, agora, de destacar nossas impressões sobre atuar como coordenadores de Estágio Supervisionado, compondo o Núcleo de Acompanhamento de Estágio (NAE) de nossa unidade, o que tem se constituído como uma experiência formativa carregada de aprendizagens extremamente significativas para nós.

Os desafios e dificuldades que permeiam o Estágio Supervisionado emergiram com bastante clareza nos encontros do NAE, sobretudo revelando fragilidades no tocante ao acompanhamento efetivo dessa atividade na escola, pela universidade, e às concepções de estágio de alunos, professores e gestores desses dois espaços de formação.

O que podemos apontar, a partir dessa experiência, é que a universidade precisa, urgentemente, avançar no diálogo com a escola, estabelecer parcerias na direção de co-formação dos futuros professores, contribuindo, assim, para a constituição de uma cultura de valorização do estágio supervisionado como momento de ressignificação da teoria e de articulação de saberes acadêmicos e profissionais.

A perspectiva do estágio como pesquisa, como atividade instrumentalizadora da práxis e como campo privilegiado de construção da identidade docente tem fundamentado nosso caminhar por essa atividade e ampliado nossos horizontes no sentido de conceber o estágio para além da “hora da prática”, e é irmanada às concepções de Lima (2002, p. 97): “para fazer uma reflexão sobre o professor e sua sala de aula, incluindo o processo de ensino aprendizagem, é necessário que estejamos abertos para considerar o ensino como pesquisa.” Uma vez que:

Considerando-se as limitações na formação inicial dos professores, que historicamente acumula índices precários devido à formação aligeirada e muitas vezes frágil teórica e praticamente [...] o estágio abre possibilidades para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas [...] identificar esses limites permite que se encontrem formas de superá-lo. (PIMENTA; LIMA,

2008, p.50, 51).

Assim, o Estágio, concebido como teoria instrumentalizadora da práxis docente, e instrumento de aproximação da realidade, mediado pela pesquisa, “deixa de ser considerado apenas um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores.” (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 55).

Essas são as bases epistemológicas que fundamentam nossa prática pedagógica como professores e orientadores de estágio. Nesse caminhar, temos buscado uma relação mais próxima, dialógica e compartilhada com a escola, na formação de professores, embora haja, ainda, muitas dificuldades a superar. Assim, reiteramos que a universidade, enquanto instituição formadora, precisa garantir as condições objetivas de desenvolvimento dessa atividade no espaço escolar, o que inclui o efetivo acompanhamento dos estagiários, em campo.

As aprendizagens relatadas até aqui se somam e integram-se ao crescimento pessoal e profissional advindos de nossa experiência como Coordenadores de Área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, vinculados ao subprojeto de Biologia e de Física da FECLI. Atuar como coordenadores de área do PIBID revelou-nos a potencialidade do trabalho integrado e colaborativo, com foco na formação de futuros professores, além dos momentos prazerosos de confraternização e produção coletiva.

Nessa trajetória, a parceria com os professores supervisores do subprojeto PIBID/Biologia e subprojeto PIBID/Física nas escolas que acolhem o Programa tem sido fundamental na condução do trabalho, pois como co- formadores dos bolsistas de Iniciação à docência, os professores de Biologia e Física têm compartilhado importantes experiências pedagógicas conosco, enquanto Coordenadores de Área.

As dificuldades surgidas ao longo da caminhada vêm sendo problematizadas, sinalizando criativos caminhos à formação, no tocante à iniciação à docência no espaço escolar. Percebemos, também no âmbito do PIBID, que o maior desafio tem sido contribuir para a constituição de uma identidade com a docência, como pontuamos, anteriormente, face às condições, ainda bastante precarizadas, para o exercício da profissão na Educação Básica.

Contudo, pesquisas realizadas por nossos alunos, tomando como objeto de estudo as contribuições do PIBID para a formação e atuação dos ex-bolsistas e professores supervisores, revelam que as experiências pedagógicas vivenciadas no âmbito do Programa

tem sido, sensivelmente, válidas e orientado suas práticas como profissionais do magistério. (ALVES, 2014; SILVA, 2014)

Por fim, uma urgente demanda tem se apresentando ao trabalho que temos desenvolvido, a saber: a formação para a inclusão. Esta tem constituído um grande desafio, uma vez que nossas leituras apenas tangenciam esse campo. Assim, nossos estudos, nesse momento, também tem se voltado para uma aproximação com a realidade, os desafios e as possibilidades da inclusão de alunos deficientes no espaço escolar e no Ensino Superior.

No universo da cultura acadêmica nos foram acrescentados, ainda, a oportunidade de atuar como membros de bancas de concursos e defesa de monografia. Costumamos dizer que são momentos de importantes aprendizagens, tanto pela responsabilidade compartilhada na apreciação/avaliação do trabalho do “outro”, como pela possibilidade de efetiva contribuição à dinâmica dos processos de qualificação profissional e constituição do quadro de docentes da universidade.

4. Produção científica, tecnológica, técnica e artístico-cultural

As experiências vivenciadas no tocante à produção científica, tecnológica, técnica e artístico-cultural tem contribuído, enormemente, para nossa constituição como docentes do Ensino Superior, especialmente por nos estimularem a produzir e a socializar saberes e conhecimentos elaborados, cotidianamente, a partir de nossa prática pedagógica e exercício profissional docente, em interação com os estudantes e colegas de trabalho.

A maioria das produções acadêmico-científicas que produzimos germinaram de práticas investigativas desenvolvidas com os licenciandos, nos âmbitos das disciplinas que ministramos e do PIBID. Entendemos que nossas mais significativas aprendizagens tenham resultado dos fecundos momentos que compuseram o trabalho de orientação dessa produção acadêmico-científica.

Percebendo-nos professores-pesquisadores, temos buscado fortalecer, juntamente aos nossos pares, a prática da pesquisa nos Cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Física da FECLI, tendo em vista a importância da pesquisa na formação de professores e de sua articulação com o ensino. E contribuir para o desenvolvimento do potencial criativo e das habilidades dos estudantes. Pois, como afirma Demo (2011, p. 40): “a pesquisa representa um dos horizontes estratégicos para refletir os problemas da escola e do cotidiano da sala de aula, uma vez que é reconhecida como a base de qualquer proposta emancipatória”.

Nesse sentido, a pesquisa torna-se condição *sine qua non* para pensarmos metodologias e práticas que almejem favorecer esse processo, devendo-se constituir, nas palavras de Galiazzi (2011, p. 84), “como princípio didático cotidiano da vida profissional”.

No contexto geral do Ensino Superior, ainda é comum certa reação de estranheza por parte de alunos e professores quando se advoga pesquisa em cursos de licenciatura, dado que, historicamente, tem se constituído como prática naturalizada nos cursos de bacharelado. Desse modo, faz-se necessário romper o paradigma que separa o ensino da pesquisa, supervalorizando esta em detrimento daquele.

Temos investido, ainda, no fortalecimento do diálogo já provocado, e em construção nos referidos cursos, no tocante à natureza das pesquisas que vêm sendo realizadas pelos estudantes, insistindo que as investigações precisam articular-se com questões voltadas para o ensino/educação, por entender que pesquisas de cunho estritamente biológico ou físico são frágeis no que concerne aos objetivos da formação de professores, sobretudo na problematização das questões que envolvem o campo de atuação profissional e o ensino de Biologia e Física. É na direção da articulação dos conteúdos biológicos e físicos ao seu ensino na Educação Básica que temos buscado orientar os estudantes.

Orientar os licenciados no exercício da pesquisa, na sistematização dos achados em artigos, e em sua posterior socialização nos eventos de divulgação científica, tem configurado um movimento de considerável riqueza pedagógica, por suscitar nos estudantes a necessidade de ampliação e diversificação de suas leituras, o empenho na prática da escrita acadêmica, bem como a apropriação das normas que regem os trabalhos dessa natureza.

Desse modo, a diversidade de saberes compartilhados nesses momentos marcaram, singularmente, nosso caminhar nesses quatro últimos anos, revelando-nos que a docência no Ensino Superior envolve atividades complexas, imbricadas, que não se restringem ao espaço da sala de aula, embora tenha clareza de que a gestão dos processos de ensino-aprendizagem no tocante à formação de professores de Biologia e Física, seja prioridade.

Considerações Finais

Produzir essa escritura foi um verdadeiro e prazeroso exercício de trazer à superfície da memória as experiências mais profundas e corporificadas em nossa trajetória nos primeiros anos de nossa atuação docente na universidade. E sentimos como expressou Eduardo Galeano: “A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais

que eu; e ela não perde o que merece ser salvo”. As reflexões nos conduziram a uma visita aos momentos que permearam de significados os nossos passos iniciais na docência universitária.

Os desafios e aprendizagens da docência universitária, nos nossos primeiros anos de atuação no Ensino Superior nos revelaram o desejo da troca, de diálogo, de repensar a produção de conhecimento, do rigor metodológico, da renúncia aos paradigmas que insistem em supervalorizar a pesquisa em detrimento do ensino, que reafirmam a máxima, já extremamente questionada, de que “quem sabe, sabe ensinar”. É preciso, pois, uma compreensão mais larga e profunda da realidade. Faz-se necessário que nesse exercício, com e junto aos futuros professores, a criatividade, a sensibilidade e, sobretudo, a compreensão da realidade e totalidade social iluminem o caminho, na direção de uma relação outra com o conhecimento, de forma a nos constituirmos mais autônomos e críticos, assumindo as práticas de ensino e de pesquisa como importantes mediadoras e interlocutoras nesse processo “de mais criação e menos reprodução”.

Concluimos destacando que temos vivenciado, até aqui, dois grandes e importantes desafios: o de tecer um diálogo com os licenciandos, no sentido de construírem identidade com a docência, um trabalho demasiadamente delicado, dada a complexidade que cerca e adentra à profissão, sobretudo pelo desprestígio social que a fragiliza, e afasta os jovens professores das salas de aula da Educação Básica, seguido da luta por uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Em relação ao primeiro, temos nos ancorado em nossa experiência profissional de mais uma década, constituída como professores da Educação Básica, a qual tem fomentado, significativamente, nosso diálogo com os estudantes, por nos permitir compartilhar uma pluralidade de saberes constituídos no exercício da docência em Biologia e Física, na Educação Básica. Assim, temos buscado situar nossa experiência no chão da sala de aula do Ensino Superior, e articulá-la aos desafios dos Estágios Supervisionados, vivenciados pelos futuros professores nas escolas, e com estes dialogar na busca de uma intencionalidade pedagógica que permita a construção de um sentido e de uma compressão mais amplos de Educação, de ser professor, de ser professor de Biologia e de Física.

Em relação ao segundo desafio, destacamos as mobilizações em prol da UECE, a exemplo da greve de docentes desta Universidade, deflagrada em 2013, pouco tempo depois do ingresso da primeira autora deste artigo na Instituição. A luta tem sido contínua em resposta ao descaso governamental em relação às universidades públicas estaduais,

sobretudo no que concerne à carência de professores efetivos e condições de funcionamento, sentidas de forma mais visceral pelos *campi* do interior do estado.

Entendemos que a docência universitária, em sua complexidade, requer que saíamos em defesa de um ensino público superior, gratuito e de boa qualidade. Nessa direção, “fechamos” com o poeta, quando diz: *“Tomara que possamos ser desobedientes cada vez que recebamos ordens que humilham nossa consciência, ou violam nosso bom senso”* (Eduardo Galeano). E a história nos diz que estamos ensaiando apenas os primeiros passos...

Inserimo-nos nesses movimentos de vida, de ensino, de formação, de sociedade, na certeza de nossa inconclusão, e convictos da necessidade de nosso permanente movimento de busca do ser mais, na direção da humanização dos homens, mediatizados pelo mundo. Desse entendimento, assumimos o compromisso de buscar, incessantemente, aprender, como um exercício constante de renovação, pois como professores não nos é possível ajudar o educando a superar sua ignorância, se não superarmos, permanentemente, a nossa, como nos ensina Freire.

Referências

ALVES, Edilene Diniz. **Contribuições do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID na formação inicial de professores de Biologia**. Monografia de Graduação. Universidade Estadual do Ceará, Iguatu-CE, 2014.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 165 p.
_____. **Política e educação**. São Paulo : Cortez, 1993.

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências**. Ijuí: Unijuí, 2011.

LOPES, A. O. Planejamento do ensino numa perspectiva crítica da Educação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.) **Repensando a Didática**. 28 ed. Campinas: Papirus, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. ALMEIDA, Maria Isabel de. (Orgs.). **Pedagogia Universitária**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. ; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. 5ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Docência em Formação).

_____.; Selma Garrido.; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 3ed. São Paulo; Cortez, 2008. (Coleção Docência em Formação. Série

Saberes Pedagógicos).

SILVA, Josefa Bento da. **Contribuições do Programa PBID na formação continuada dos professores supervisores dos subprojetos PIBID-FECLI.** Monografia de graduação. Universidade Estadual do Ceará, Iguatu-CE, 2014.

SOARES, Magda Becker. **Metamemória-memórias:** travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991.